



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

A RADICALIZAÇÃO DIGITAL DE JOVENS: ANÁLISE DOS MECANISMOS DE INFLUÊNCIA E VULNERABILIDADES

[Youth Digital Radicalization: Unpacking Online Influence Mechanisms and Online
Vulnerabilities]

Projeto de Graduação

1º Ciclo de Estudos em Criminologia

Melissa Gisela Santos Rocha estudante 19960

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Afonso

Junho, 2025

Projeto de Graduação

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2025

Melissa Rocha
19960@ufp.edu.pt

Projeto de Graduação

(Melissa Rocha)

Projeto de Graduação apresentado à
Universidade Fernando Pessoa como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Licenciatura
em Criminologia, sob orientação científica da
Professora Doutora Lúcia Afonso.

Agradecimentos

Chegar a este momento não teria sido possível sem o apoio incondicional de pessoas extraordinárias que marcaram profundamente esta caminhada, marcada por desafios e quedas.

Primeiramente, expresso a minha profunda gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Lígia Afonso, pela sua orientação e acima de tudo pela paciência e pelos valiosos ensinamentos que foram fundamentais para a concretização deste projeto.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais, pelo alicerce que sempre me proporcionaram. Um agradecimento especial, do fundo do coração, à minha mãe, a força motriz por trás de cada passo que dei. Obrigada pela sua fé inabalável, pelo amor constante e por me ter ensinado o verdadeiro significado da persistência.

À minha melhor amiga, Daniela, obrigada por cada gargalhada, cada palavra de conforto e por seres o meu amparo nos momentos mais desafiantes. A tua amizade foi, sem dúvida, um bálsamo ao longo desta jornada que trilhámos lado a lado.

E, claro, ao meu namorado, Hugo, obrigada por cada gesto de carinho, cada abraço e por seres, em todos os momentos, o meu porto seguro. A tua presença fez toda a diferença. Obrigada por estares sempre lá.

Resumo

O terrorismo é uma das grandes ameaças do século XXI. O aparecimento da Internet veio potenciar ameaças já existentes como é o caso da radicalização e do terrorismo. A presente investigação pretende oferecer um contributo acerca do processo de radicalização com influência online em jovens. Partindo de uma abordagem qualitativa, procurou-se: identificar os principais mecanismos de radicalização digital apontados por especialistas. Pretende-se também analisar os fatores sociais, emocionais e psicológicos que tornam determinados jovens vulneráveis à radicalização online. Pretende-se ainda examinar os principais tipos de conteúdo digital usados no processo de doutrinação online. Deste modo, procuramos compreender de que forma o aparecimento da Internet redefiniu o processo de radicalização terrorista e quais são as novas estratégias usadas pelos grupos terroristas islâmicos no processo de radicalização online e entender o papel mais específico que as redes sociais desempenham em todo o processo. O estudo, também, considera as vulnerabilidades sociais e psicológicas exploradas por esses grupos, destacando o papel dos algoritmos, da desinformação e da cultura digital na aceleração do processo de radicalização.

Palavras-chave: Radicalização online, terrorismo, redes sociais, jovens, extremismo, propaganda digital, influência algoritmo, vulnerabilidades psicológicas

Abstract

Terrorism remains one of the most pressing threats of the 21st century. The rise of the Internet has significantly amplified pre-existing dangers such as radicalization and violent extremism. This research project aims to explore the role of the Internet—particularly social media—in the radicalization of young individuals. Drawing on a qualitative approach with a strong bibliographic component, this study seeks to: Identify the main mechanisms of digital radicalization highlighted by experts. The study also aims to analyze the social, emotional, and psychological factors that make certain young people vulnerable to online radicalization. Furthermore, it seeks to examine the main types of digital content used in the online indoctrination process. Finally, the goal is to gather prevention and intervention proposals suggested by specialists. It investigates how the emergence of the Internet has redefined radicalization processes, the evolving strategies employed by Islamist terrorist groups in online recruitment, and the specific functions that social media platforms play in facilitating ideological indoctrination. Furthermore, this study addresses the psychological and social vulnerabilities exploited by extremist narratives, emphasizing the role of algorithmic amplification, misinformation, and digital culture in accelerating the pathway to radicalization.

Keywords: online radicalization, terrorism, social media, youth, extremism, digital propaganda, algorithmic influence, psychological vulnerability

Índice

1	Introdução.....	1
2	Enquadramento teórico	3
2.1	Conceptualização do Terrorismo	3
2.2	Conceptualização da Radicalização.....	4
2.3	Modelos de Radicalização	5
3	Jovens e Redes Sociais.....	9
3.1	Radicalização, Redes Sociais e Internet.....	10
4	As Redes Sociais	14
4.1.1	Youtube.....	15
4.1.2	Facebook	16
4.1.3	Twitter	17
4.2	Propaganda nas Redes Sociais.....	19
5	Contribuição Empírica	22
5.1	Metodologia.....	22
5.2	Objetivo geral	23
5.3	Objetivos específicos	23
5.4	Método	23
5.5	Entrevistas semiestruturadas	23
5.6	Participantes.....	24
5.7	Procedimentos	25
5.8	Limitações do estudo.....	25
6	Conclusão	27
7	Referências Bibliográficas	28

Lista de Abreviaturas

BdF – Brasil de Facto

CEP – Counter Extremism Project

EI – Estado Islâmico

EM – Estados Membros

EV – Extremismo Violento

ISIS – Estado Islâmico do Iraque e da Síria

LGBTQ+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, entre outras

ONU – Organização das Nações Unidas

PJ – Polícia Judiciária

RASI – Relatório Anual de Segurança Internacionais

UNC – Unidade Nacional de Contraterrorismo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNODC – United Nations Office on Drugs and Crime

UE – União Europeia

1 Introdução

Com o avanço acelerado das tecnologias da informação e a crescente presença de jovens nas redes sociais, o ambiente digital tornou-se uma ferramenta poderosa, tanto para a comunicação e para o entretenimento quanto para fins ideológicos. Nas últimas décadas, grupos extremistas têm explorado essas plataformas para disseminar discursos radicais, agrupar jovens e promover atos de violência. As características que tornaram a Internet e as redes sociais em plataformas tão apreciadas pelos cidadãos de todo mundo foram as mesmas que atraíram a atenção das organizações terroristas, como a facilidade de utilização, a rapidez, o alcance e a segurança (Europol, 2024).

Destacamos, contudo, a radicalização como processo progressivo de aquisição de crenças e ideologias violentas que tem estado associado ao terrorismo (Sedgwick, 2010). O processo de radicalização foi, necessariamente, modificado desde o aparecimento da Internet e das redes sociais, assumindo menor visibilidade explorando vulnerabilidades emocionais, sociais e identitárias. Tal como o fenômeno do terrorismo, também o processo de radicalização terrorista de motivação religiosa se mostra altamente adaptável aos progressos e mudanças do mundo contemporâneo (Borum, 2011). Em 2023, na UE, houve um total de 120 ataques terroristas (98 consumados, 9 falhados e 13 frustrados) em 7 Estados-Membros, perpetrados por terroristas separatistas, seguidos por atores de esquerda e anarquistas e terroristas jihadistas. Estes últimos foram os mais letais. A ameaça jihadista decorre de um cenário fragmentado de grupos terroristas estrangeiros, redes online e atores individuais. Jovens terroristas e extremistas violentos de direita têm vindo a assumir um papel mais ativo como criadores de propaganda, recrutadores e organizadores de ataques e incitamento ativo (Europol, 2024).

A Internet e as redes sociais vieram alterar e facilitar, principalmente, o processo de radicalização terrorista islâmico. A propaganda disseminada online tornou-se numa parte crucial do terrorismo de inspiração religiosa para chegar à população com o principal intuito de radicalização e recrutamento (Europol, 2024). Este projeto visa compreender como as redes sociais e a Internet contribuem para a radicalização de jovens, analisando os métodos utilizados por organizações extremistas e os perfis mais suscetíveis ao recrutamento. Este fenômeno tem vindo a chamar à atenção das autoridades e dos pais, dada a vulnerabilidade dos jovens à influência online (Observador, 2025; G1 Globo/BBC, 2019). Além disso, a preocupação com a segurança dos mais jovens, especialmente face

à radicalização, tem sido uma prioridade para organizações dedicadas ao tema (Mughal, 2016).

Com base no panorama apresentado e nas complexidades inerentes à radicalização online, este projeto procura explorar a seguinte problemática: “De que forma as redes sociais contribuem para o recrutamento de jovens? De que forma as redes sociais têm conduzido ao aumento da radicalização de jovens? Especificamente, pretendemos investigar como é que as redes sociais são utilizadas por grupos extremistas para atrair e radicalizar jovens; analisar os fatores sociais, emocionais e psicológicos que tornam determinados jovens mais vulneráveis à radicalização online; estudar os principais tipos de conteúdo digital usados no processo de doutrinação; avaliar a eficácia de políticas públicas, campanhas de contra narrativas e ações das plataformas digitais no combate à radicalização.

2 Enquadramento teórico

2.1 Conceptualização do Terrorismo

A definição de terrorismo é complexa devido à sua natureza e dinâmica adaptável, o que dificulta a sua interpretação. Além disso, a ausência de uma definição universalmente aceite faz com que o termo seja utilizado em múltiplos contextos históricos sem corresponder integralmente a nenhum, refletindo a sua flexibilidade diante de diferentes situações e desafios. Segundo Laqueur (2002, p.4) “Even over the last century the character of terrorism has changed greatly. This goes not only for its methods but also for the aims of the struggle and character of the people that were and involved in it”. Na verdade, é precisamente essa facilidade em moldar-se de acordo com as diferentes narrativas em que está envolvido ou com novas oportunidades que lhes surgem que tornaram o terrorismo num fenómeno multidimensional e complexo (Schmid, 2004) e que passou a ser associado a uma panóplia de diferentes ações, acontecimentos e comportamentos. Inevitavelmente, para alguns autores como Laqueur (2002) e Schmid (2004), o conceito de terrorismo acabou por perder valor teórico, uma vez que tem sido aplicado a uma ampla variedade de atos violentos, tornando difícil a sua definição precisa.

Além das características complexas do terrorismo, a sua definição envolve uma componente de subjetividade, na medida em que a perceção do fenómeno é influenciada por contextos culturais, políticos e sociais, no entanto, isso não significa que o conceito seja puramente relativo. Pelo contrário, embora existam divergências quanto à sua delimitação, o terrorismo é geralmente entendido com base em elementos estruturais objetivos, como o uso intencional da violência contra civis com fins políticos, simbólicos ou coercivos, que permitem distingui-lo de outros tipos de violência ou criminalidade. A subjetividade, portanto, coexiste com tentativas rigorosas de definição e classificação em contextos jurídicos e académicos (Schmid, 2011). Deste modo, a ausência de uma definição universalmente aceite do terrorismo abre espaço para múltiplas interpretações, muitas vezes influenciadas por interesses políticos e juízos morais, dificultando a construção de um consenso internacional sobre o conceito. Para alguns autores, o conceito de terrorismo pode ser considerado “(...) the most politicized term in the political vocabulary these days (...)” (Schmid, 2011, p40).

Segundo Siteo (2020), ao analisar diferentes conceções de autores, como Hoffman (2002), considera que o terrorismo pode ser compreendido como uma ação violenta

praticada por indivíduos, grupos ou até por Estados, tendo como alvo civis, com a intenção de influenciar uma audiência mais ampla do que as vítimas diretas, visando alcançar um objetivo político específico.

De modo equivalente, a Resolução 1566 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (2004) caracteriza o terrorismo como atos criminosos, inclusive contra civis, realizados com a intenção de provocar mortes, ferimentos graves ou sequestros, tendo como objetivo gerar um clima de terror entre a população, ou ainda pressionar governos e organizações internacionais a tomarem determinadas atitudes ou a se absterem delas.

É evidente a importância de uma definição universalmente consensual de terrorismo, capaz de ultrapassar os obstáculos existentes. Tal definição permitiria não só uma maior clareza conceptual, como também fortaleceria a cooperação internacional na resposta a uma ameaça global partilhada.

2.2 Conceptualização da Radicalização

A radicalização é um conceito-chave para entender o terrorismo, sendo geralmente descrita como um processo progressivo em que o indivíduo adota ideologias e condutas cada vez mais extremas, podendo culminar na prática de atos terroristas (National Institute of Justice, 2017). A Comissão Europeia descreve radicalização como “...a phased and complex process in which an individual or a group embraces a radical ideology or belief that accepts, uses or condones violence, including acts of terrorism, to reach a specific political or ideological purpose” (European Commission, 2025). Extremistas violentos, grupos terroristas e seus simpatizantes aproveitam as plataformas online, como as redes sociais, para novas oportunidades de mobilização, recrutamento e comunicação (European Commission, 2025). O UNODC (2018) define radicalização como um “processo pelo qual o indivíduo adere a crenças e aspirações progressivamente extremistas”. Moghaddam (2005 cit in Lygre, R. et al., 2011) propõe uma abordagem em etapas, que vai desde o sentimento de injustiça até a aceitação da violência como meio legítimo. Esse processo pode ocorrer em contextos coletivos ou isoladamente — como nos casos dos chamados “lobos solitários” — sendo que a Internet tem assumido um papel cada vez mais influente na auto-radicalização.

Conforme argumenta Peresin (2015), a radicalização tende a surgir em ambientes caracterizados por desigualdade social e descontentamento político. Nesses contextos, homens e mulheres frequentemente experimentam sentimentos intensos de frustração, humilhação e impotência diante de situações percebidas como injustas. Essa combinação de emoções, aliada à falta de meios eficazes para provocar mudanças, torna esses indivíduos mais suscetíveis à influência de discursos e ideologias extremistas.

De acordo com Silke (2008), a radicalização pode ser impulsionada por diversos fatores, como vitimização pessoal e discriminação, ressentimentos históricos e políticos, frustrações individuais, desigualdades socioeconômicas, influência de ideologias islâmicas radicais, discursos religiosos inspiradores, inserção em organizações extremistas, falta de educação formal, ausência de solidariedade, pressão de pares, crises de identidade, marginalização social, sensação de injustiça, além da busca por status e recompensas pessoais. Ainda que Wojtowicz (2012) reconheça a multiplicidade de fatores nesse processo, ele defende que a ideologia é o elemento central na radicalização.

Em suma, a radicalização consiste em um processo ideológico progressivo no qual o indivíduo adota crenças cada vez mais extremas, até o ponto de decidir empregar a violência contra terceiros em nome de uma causa. Este percurso geralmente envolve etapas que vão desde a percepção de injustiça até a execução de atos terroristas, podendo ocorrer tanto em grupo quanto de forma isolada.

2.3 Modelos de Radicalização

Ao aprender sobre o terrorismo, não se deve apenas considerar a ideologia específica daqueles que cometem ou defendem atos de terrorismo, mas também obter uma compreensão do processo de como estas ideias ou doutrinas se desenvolvem, bem como dos vários fatores que influenciam o comportamento de grupos e indivíduos extremistas (Borum, 2003). Neste sentido, estes modelos de radicalização visam explicar e organizar o processo de radicalização.

Além disso, permitem melhorar a compreensão do fenômeno, aprimorar análises e avaliações de ameaças e orientar estratégias de prevenção e intervenção. Estes modelos são úteis porque fornecem uma base de referência sistemática e abrangente para desmistificar um fenômeno complexo como a radicalização. Servem como uma

ferramenta essencial para informar e refinar as estratégias de segurança, prevenção e intervenção para combater a radicalização.

Diversos autores propuseram modelos que explicam a radicalização como um processo em etapas. Provavelmente não existe um método universal para o desenvolvimento de ideias extremistas que justifiquem atos terroristas de violência (Borum, 2011). No entanto, Borum (2011) propõe quatro etapas (tentativa e erro) para ajudar investigadores e analistas de inteligência na avaliação dos comportamentos, experiências e atividades de um grupo ou indivíduo associado a ideias extremistas: ressentimento, percepção de injustiça, atribuição de culpa ao "outro" e, finalmente, desvalorização do inimigo, o que facilita a violência (Borum, 2011). Ou seja, primeiramente, é o reconhecimento de uma situação ou condição que o indivíduo ou grupo percebe como inaceitável (pobreza, desemprego ou restrições à liberdade). A percepção é que as coisas não são como deveriam ser. De seguida, a condição indesejável é então enquadrada como uma "injustiça", ou seja, a situação não afeta a todos de igual forma (comparação). Uma vez que a condição é percebida como injusta, um indivíduo ou grupo é responsabilizado, ou seja, a culpa é atribuída a um alvo específico (e.g., preconceitos raciais). Finalmente, a pessoa ou grupo considerado responsável pela injustiça é rotulado como "mau", facilitando a agressão de três formas: a agressão torna-se mais facilmente justificável quando direcionada a indivíduos percebidos como moralmente inferiores ou "maus". Esse processo envolve a desumanização do alvo, descrevendo-o como diferente e negativo. Por outro lado, aqueles que vivem em condições adversas não se veem a si próprios como "maus", o que reforça ainda mais a polarização entre "nós" e "eles" e facilita a legitimação da violência contra o outro (Borum, 2003).

O modelo de radicalização de Doosje et al. (2016), inspirado no "modelo de escada para o terrorismo", distingue três fases: empatia com a ideologia, adesão ao grupo e ação violenta. A primeira fase caracteriza-se por uma sensibilidade a uma ideologia radical impulsionada pela procura de significado. Por vezes, a perda de status, sentimento de humilhação ou más perspetivas de carreira (fracasso pessoal) podem causar o sentimento de inferioridade; pessoas que vivenciam incerteza pessoal são motivadas a identificarem-se com um grupo que reduza a sua incerteza; outro fator é o ambiente social como a privação de parentes fraternos, o sentimento de injustiça; finalmente a globalização

acelerada e a ameaça mundial (guerras e vida ocidental) como uma ameaça à cultura islamita e à comunidade muçulmana em geral. Neste sentido, os grupos radicais são peritos em proporcionar significância através de um senso de pertencimento, respeito, heroísmo, status e a noção de luta por uma causa sagrada; em reduzir a incerteza fornecendo normas e valores claros. Na segunda fase, com uma abertura cognitiva a ideologias extremistas, torna-se membro de um grupo radical. A pessoa começa como membro marginal e é motivada a demonstrar lealdade, seguindo valores do grupo e, por sua vez, fortalecendo laços entre o indivíduo e o grupo. Nesta fase os membros do grupo são encorajados a quebrar pontes com amigos e familiares que não pertencem ao grupo, tornando o grupo coeso e forte. Na terceira e, última, fase, a pessoa está pronta para agir em nome da ideologia do grupo, por exemplo, planejando um ataque. Não é fácil uma pessoa cometer violência, no entanto, fatores como o confronto com a morte de um familiar ou amigo pode ser determinante. Outra estratégia, é fazer com que escrevam ou gravem testamentos, ao darem esse passo torna-se mais difícil retirarem-se (Doosje, et al., 2016).

A Act Early (n.d.), é uma iniciativa do governo do Reino Unido com o objetivo de prevenir a radicalização e o envolvimento de indivíduos em atividades extremistas que caracteriza o processo de radicalização em quatro etapas: a primeira, a fase pré-radical em que a pessoa se junta ou se identifica com um grupo ou organização; a segunda, a afirmação de identidade em que a pessoa acredita e aceita as crenças e opiniões defendidas pelo grupo ou organização; a terceira, a fase de doutrinação em que a pessoa é preparada pelo grupo ou organização, puxando-a mais adiante no caminho; e a quarta, a fase do envolvimento direto em terrorismo em que a pessoa envolve-se na prática de atos terroristas.

É fundamental para os profissionais da lei e inteligência conhecer profundamente como as ideias extremistas se formam, contribuindo assim para que as avaliações das ameaças e análises antiterroristas se tornem mais precisas e sofisticadas. É necessário ir além da ideologia, é preciso compreender a percepção que o indivíduo tem da situação para prever e antecipar ações. A ideologia pode ser parte disso, mas outras dinâmicas e fatores comportamentais também são importantes (Borum, 2003).

Para compreender totalmente os processos de radicalização, é essencial ir além do foco exclusivo no indivíduo ou no contexto social, mas sim adotar uma abordagem

interativa onde a radicalização é percebida como resultado da interação entre o indivíduo, o meio social imediato, a sociedade em geral, os atores políticos, os órgãos de controlo estatal e a Internet. É importante reconhecer que apenas medidas de segurança não são suficientes para controlar eficazmente o fenómeno da radicalização e violência jihadista (King et al. 2018 cit in Ayanian, A.H. et al. 2018). Esses esforços precisam ser complementados com medidas de prevenção, avaliação de risco e desradicalização que sejam cientificamente baseadas. Isso implica a necessidade de avaliar experiências de programas de prevenção e intervenção existentes. Além disso, dado o potencial da propaganda online para impulsionar os processos de radicalização, o controle e a prevenção dessa influência digital são pilares fundamentais na luta contra a disseminação de ideologias (Ayanian, A.H. et al. 2018).

Em suma, embora cada autor proponha um modelo com etapas distintas e terminologias próprias, há um consenso geral de que a radicalização é um processo gradual e em etapas. O modelo de Borum (2011) interpreta o processo de radicalização a partir de uma perspectiva psicológica, explicando como queixas e ressentimentos se transformam gradualmente em ódio e, por fim, a justificação para a violência através da desumanização progressiva do “inimigo”. É útil para entender como se forma a ideologia radical. Por outro lado, o modelo de Doosje oferece uma perspectiva mais sociopsicológica, em que sublinha a procura de significado e a redução da incerteza como motivadores iniciais, e destaca o papel essencial da adesão e coesão do grupo na progressão para a ação violenta. É mais abrangente ao integrar múltiplos níveis de análise. Já o modelo da Act Early é o mais operacional e descritivo, ao centrar-se na sequência de eventos do indivíduo para o envolvimento terrorista. A eficácia ao nível da prevenção e combate à radicalização passará, necessariamente, pela utilização de uma abordagem multifacetada que considere a interação destes diferentes níveis e processos.

3 Jovens e Redes Sociais

A expressão "jovens" refere-se àqueles que estão em um período de transição rumo à autonomia e à responsabilidade, trata-se de um conceito flexível. As definições de juventude podem variar dependendo de fatores socioculturais, institucionais, económicos e políticos (INEE, 2024). Por exemplo, a ONU define jovens como indivíduos entre 15 e 24 anos, mas em alguns contextos essa faixa etária pode se estender até 35 anos (INNE, 2024).

Os jovens cresceram imersos nas redes sociais como Facebook, WhatsApp, Snapchat, Skype e Instagram, e não conseguem imaginar as suas vidas sem estes meios de comunicação. De fato, é fácil perceber uma mudança rápida no humor quando a Internet falha em casa, quando não conseguem aceder à rede Wi-Fi num local público ou quando os dados móveis acabam. A frustração e o desconforto tornam-se evidentes, e há um claro esforço para resolver a situação o mais rápido possível (Instituto de administração da saúde, s.d.). O espaço virtual e as redes sociais têm um impacto profundo na vida dos jovens, moldando a forma como se veem e interagem com o mundo. Conforme Fichtner, (2015 cit in Fialho & Sousa, 2019), o ambiente online funciona como um campo fértil para novas formas de socialização aprendizagem, expressão e troca de experiências (Oliveira, 2012 cit in Fialho & Sousa, 2019). O impacto das tecnologias na vida quotidiana dos jovens é vasto (Furlan et al., 2016 cit in Fialho & Sousa, F. G. 2019). É um local onde encontram um senso de pertencimento, intimidade e reafirmação dos seus modos de vida e identidades (Fialho & Sousa, 2019). À medida que o uso das redes sociais se torna mais frequente, mais amizades virtuais são estabelecidas (Fialho & Sousa, 2019). No entanto, essa vasta presença online não vem sem riscos. O uso excessivo pode levar a sérios problemas como o isolamento do convívio social direto, dependência e até mesmo impacto no rendimento escolar. Os jovens, por serem mais vulneráveis e por terem opiniões ainda em formação, são facilmente influenciados pelo que encontram no mundo virtual (Reis et al., 2012 cit in Fialho & Sousa, 2019).

Assim, apesar das vantagens, o uso de redes sociais expõe os jovens a desvantagens significativas. Fidalgo (2018) aponta riscos como a formação de novas identidades sob anonimato; cyberbullying, cyberstalking, voyeurismo; exposição não intencional de conteúdo pessoal a desconhecidos; presença de subculturas marginais com circulação de conteúdos de incitamento a comportamentos nocivos; pressão intrínseca para estar

constantemente online; possível diminuição da capacidade de reter informação e a interação de fraca qualidade (Fidalgo, 2018).

A pesquisa da UNESCO (2018), realizada pela ONU, avaliou mais de 550 estudos em árabe, inglês e francês sobre o extremismo violento nas redes sociais. O estudo teve como objetivo investigar se as redes sociais contribuem para que indivíduos vulneráveis se envolvam em atos violentos, analisando o papel da Internet e das plataformas digitais no processo de radicalização.

Os resultados indicam que as plataformas digitais não causam diretamente comportamentos violentos, mas facilitam o processo de radicalização. Extremistas utilizam a Internet para atrair novos adeptos, divulgar conteúdos e interagir com o público jovem. A Internet e as redes sociais funcionam como catalisadores na radicalização, sendo frequentemente usadas para gerar medo entre os utilizadores e polarizar as sociedades. Os autores destacam ainda que a radicalização violenta deve ser analisada em conjunto com outros fatores sociais, políticos, culturais, económicos e psicológicos, bem como outras plataformas de comunicação (ONU, 2018).

3.1 Radicalização, Redes Sociais e Internet

Com a expansão da Internet e das redes sociais, o mundo tornou-se mais interligado, mas também mais vulnerável à disseminação de conteúdos extremistas. Grupos radicais aproveitam essas plataformas para difundir mensagens, explorar falhas nos sistemas de comunicação e alcançar novos públicos.

A Internet é amplamente utilizada por indivíduos e organizações devido à sua acessibilidade e por ser um espaço onde a comunicação e a partilha de informações ocorrem de forma rápida e ampla, o ambiente digital tornou-se um dos principais meios de radicalização, em especial a radicalização online. Esta é definida como “...the process by which an individual is introduced to an ideological message and belief system that encourages movement from mainstream beliefs toward extreme views, primarily through the use of online media, including social networks...” (U.S. Department of Justice, 2014, p.1).

De acordo com o U.S. Department of Justice (2014), a Internet proporciona aos recrutadores radicais um vasto espaço de atuação, ampliando significativamente as

oportunidades de alcançar indivíduos que dificilmente seriam acessíveis por meios tradicionais. No entanto, é importante destacar que a radicalização online não ocorre de forma imediata — como após assistir a um vídeo ou ler uma publicação —, mas sim ao longo de um processo gradual. As visões extremistas geralmente servem para justificar, promover ou incitar o uso de violência como meio de alcançar transformações sociais, religiosas ou políticas. Ainda assim, mesmo durante este processo, os indivíduos podem rever e modificar as suas crenças à medida que passam por diferentes fases da radicalização (International Association of Chiefs of Police, 2014).

De facto, qualquer indivíduo, independentemente da idade, pode ser suscetível à radicalização. No entanto, adolescentes e jovens adultos tendem a estar mais expostos a esse risco. As razões que podem conduzir à radicalização muitas vezes parecem simples, mas revelam fragilidades emocionais e sociais que podem ser exploradas por grupos extremistas. Estes grupos são hábeis em identificar essas vulnerabilidades e apresentar-se como solução para os problemas enfrentados pelos indivíduos. É neste contexto que a Internet desempenha um papel essencial. As redes sociais, frequentemente utilizadas por pessoas que enfrentam sentimentos de isolamento, solidão, stress, ansiedade ou rejeição, tornam-se espaços propícios à exploração por parte de recrutadores radicais, que se aproveitam dessas emoções para influenciar e manipular (Act Early, n.d.). Recrutadores exploram este fácil acesso a um público cada vez mais amplo, que não seria alcançável por meios convencionais. Deste modo, divulgam as suas visões, provocam sentimentos negativos em relação a inimigos, incitam pessoas à violência, glorificam “mártires”, criam comunidades virtuais com indivíduos de mentalidade semelhante e comunicam e cooperam com novos recrutas. Além disso, publicam materiais , como vídeos educativos sobre como construir explosivos e operar armas, vídeos de ataques bem sucedidos, discursos que defendem visões radicais e mensagens que apoiam e encorajam ainda mais ataques e atos de violência (International Association of Chiefs of Police, 2014).

A população com maior risco de radicalização online são os jovens, tanto do sexo masculino como feminino, socialmente isolados, com um histórico comportamental pouco violento e demonstram uma elevada probabilidade de sofrerem de doença mental ou de um distúrbio de personalidade. Contudo, indivíduos que se radicalizam online têm menor probabilidade de passarem a atos violentos face aos radicalizados face a face (Kenyon et al., 2023 cit in Salgueiro, 2024).

Tendo em conta que os jovens constituem o grupo mais vulnerável e suscetível à adesão a um grupo terrorista, é legítimo questionar as razões que os levam a esse envolvimento. Para Crone (2016), a explicação é relativamente simples: a radicalização online desempenha um papel central nesse processo. Jovens são frequentemente recrutados por líderes religiosos que, através da Internet, fazem uma “lavagem cerebral” através da propagação da ideologia islamista. No entanto, não é apenas a componente ideológica que os atrai. Tal como refere o autor, a atração por armas, violência, zonas de conflito, e a procura por excitação, aliadas à perceção de uma causa justa ou mesmo ao desejo de escapar de uma vida considerada monótona e sem perspectivas, pode facilitar o envolvimento com o extremismo, mesmo que esse vínculo com a ideologia radical seja superficial ou pouco estruturado (Crone, 2016).

A radicalização online tem demonstrado uma forte ligação a contextos de vulnerabilidade emocional e social. De acordo com a infografia da Act Early (n.d.), indivíduos que enfrentam dificuldades pessoais ou desafios emocionais podem ser particularmente vulneráveis ao apelo de mensagens ou grupos extremistas, especialmente quando estes lhes oferecem um sentido de pertença anteriormente inexistente. Este sentimento pode ser extremamente poderoso, sobretudo em contextos de isolamento ou incompreensão.

Os recrutadores extremistas exploram precisamente essas fragilidades. São treinados para identificar sinais de vulnerabilidade, sabendo exatamente que tipo de publicações observar ou que informação utilizar para despertar o interesse da potencial vítima. Uma vez identificada, a pessoa é frequentemente encaminhada para plataformas menos reguladas, sem políticas de privacidade eficazes, onde é exposta a conteúdos e propaganda com teor violento de forma mais intensa. Não é por acaso, que em 2023, jovens adultos e menores estiveram envolvidos no planeamento de ataques, na produção de propaganda terrorista e na incitação de violência (Europol, 2024).

Esta realidade sublinha a importância de compreender que jovens em situação de vulnerabilidade são ativamente recrutados (Europol, 2024). E, ao contrário da perceção comum, os chamados "lobos solitários" raramente operam de forma isolada (Sageman, 2005). Na verdade, interagem com comunidades online violentas que reforçam as suas ideias e os incentivam à ação (Europol, 2024).

Neste sentido, vários académicos têm sublinhado o papel das experiências pessoais de exclusão na radicalização. Mitts (2017), por exemplo, defende que experiências pessoais marcadas por sentimentos de exclusão e isolamento podem estar diretamente associadas à radicalização online. Acrescenta, ainda, que a exposição, tanto pessoal quanto comunitária, a atos de hostilidade antimusulmana pode levar alguns indivíduos a adotarem ideologias jihadistas como forma de resposta.

Exemplos concretos de islamofobia foram observados em França após os atentados de 2015, conforme documentado por Teruel (2016). Durante esse período, ocorreram profanações de mesquitas, a colocação de cabeças de porco à entrada desses espaços e insultos dirigidos a mulheres que usavam véu islâmico. Estes episódios não só reforçam a sensação de exclusão, como também alimentam a narrativa de que o Islão está sob ataque, servindo assim de combustível à propaganda extremista.

Por fim, importa referir que esta combinação de fatores—vulnerabilidade emocional, experiências de exclusão e redes online—contribuiu para fenómenos como o dos "foreign fighters". Estima-se que cerca de 30 mil combatentes estrangeiros tenham viajado para a Síria e o Iraque para se juntarem ao ISIS. Muitos destes indivíduos eram, oriundos de países como França, Bélgica, Alemanha e Reino Unido, evidenciando que o fenómeno da radicalização transcende fronteiras e está profundamente ligado às dinâmicas sociais e identitárias das sociedades contemporâneas.

4 As Redes Sociais

As plataformas de redes sociais têm se tornado um local fundamental para a troca de opiniões, permitindo que pessoas de diferentes origens e perspectivas partilhem seus pontos de vista abertamente. Isso tem contribuído para a ascensão de canais extremistas, que visam manipular a moral das pessoas para disseminar ideologias que por sua vez levam à radicalização e ao extremismo violento (Akram & Nasar, 2023). A expansão da comunicação global através dos meios de comunicação também facilitou a propagação da propaganda terrorista, tornando mais fácil para os grupos extremistas atingirem públicos em diversas regiões (European Commission, 2022).

Segundo Wojtowicz (2012), a Internet e as redes sociais funcionam como uma poderosa ferramenta de propaganda para grupos terroristas. Além de servirem para divulgação ideológica, esses meios são utilizados para planejar e coordenar ataques, radicalizar e recrutar indivíduos. Também desempenham um papel importante na captação de recursos financeiros, na partilha de informações estratégicas e na mobilização de pessoas em direção ao islamismo radical. Em resposta a essa ameaça, a UE adotou, em abril de 2021, um regulamento para combater a difusão de conteúdos terroristas online (Conselho Europeu, 2022). Embora haja uma presença considerável desses grupos na Dark Web, o ISIS tem se concentrado em redes sociais populares como Facebook e Twitter, devido ao enorme número de utilizadores. Essas plataformas permitem um acesso rápido e fácil a uma audiência ampla, incluindo jovens, que são particularmente vulneráveis à radicalização ao se exporem a conteúdos de ódio e extremismo.

Neste contexto é relevante considerar o impacto da polarização política e o fenómeno das bolhas de filtro que são temas amplamente debatidos na literatura sobre comunicação política na era digital. A polarização caracteriza-se pela crescente divisão ideológica entre diferentes grupos políticos, enquanto as bolhas de filtro referem-se à tendência dos utilizadores das redes sociais de se envolverem apenas com informações que reforçam as suas crenças preexistentes, criando um ambiente informativo limitado que os impede de aceder a outras perspectivas e opiniões divergentes. A polarização política pode levar à perda do senso de coletividade na sociedade e ao aumento da intolerância em relação a opiniões contrárias, criando um ambiente hostil à democracia (Sustein, 2001, cit in Chaves, 2023). Além disso, a polarização extrema é um dos principais fatores responsáveis pelo enfraquecimento das instituições democráticas,

tornando a sociedade mais vulnerável a regimes autoritários (Levitsky & Ziblatt, 2018, cit in Chaves, 2023). Por fim a polarização pode ser influenciada pela identidade social dos indivíduos, que tendem a alinhar-se com grupos que partilham as suas crenças políticas (Brander & Tucker, cit in Chaves, 2023).

A disseminação de ideologias (Ev) através das redes sociais, segundo investigação publicada pelo IYRES (2017), constitui uma das principais causas da radicalização juvenil. As fontes incluem o Facebook (50,4%), televisão (49,8%), jornais (46%), YouTube (35%), blogs (22,8%), Twitter (12,9%), Instagram (9,2%) e outros meios (8,4%), como sermões, palestras que promovem crenças extremistas, para além da influência de membros da família com ideologias extremistas (Omar, N. & Yusof, D. 2025).

4.1.1 Youtube

O YouTube, com quase mil milhões de utilizadores e mais de quatro mil milhões de vídeos reproduzidos diariamente (Pedroso et al., 2016), é uma das plataformas mais populares entre os jovens. Ciente desse alcance, o ISIS tem utilizado esta rede social como ferramenta ativa de recrutamento, lançando campanhas como a “One Million Campaign”, com o objetivo de unir muçulmanos à sua causa (Awan, 2017).

Durante o auge da guerra contra as forças de Assad, em 2014, o grupo extremista intensificou a sua presença no YouTube, que continua a ser uma das plataformas mais exploradas pelo grupo. A gravidade dessa utilização levou o governo britânico a remover cerca de 15 mil conteúdos ligados à propaganda jihadista (ITV News, 2014). De acordo com O'Callaghan et al. (2014), entre 2012 e 2014 foram publicados mais de um milhão de vídeos.

Mesmo após o pico da sua atividade entre 2014 e 2016, o ISIS mantém uma presença significativa. Uma investigação do Counter Extremism Project (CEP) (2025), realizada entre março e junho de 2018, identificou 1.348 vídeos do grupo no YouTube, com mais de 163 mil visualizações. Cerca de 60% das contas responsáveis pelos uploads continuaram ativas, mesmo após os conteúdos serem removidos por violar as políticas da plataforma (CEP, 2025).

A estratégia do ISIS aposta fortemente em conteúdo videográfico de alta qualidade, especialmente para atrair jovens, os maiores consumidores da plataforma e mais vulneráveis à radicalização (Awan, 2017). O ISIS também conta com o Al Hayat Media Centre, o seu centro de produção de conteúdos, onde produz vídeos que mostram combatentes a prestar assistência médica, distribuir doces a crianças, ou visitar hospitais. Estes vídeos fazem parte da série “Mujatweets” e são produzidos em HD com forte apelo emocional, reforçado por podcasts de jihadistas estrangeiros (Awan, 2017). Outra estratégia consiste na partilha de imagens de muçulmanos maltratados por forças ocidentais, acompanhadas por orações e música religiosa, com o intuito de incitar à violência e justificar a jihad (Klausen et al., 2017).

4.1.2 Facebook

O Facebook, criado em 2004, permanece a rede social mais utilizada globalmente, com mais de 3 mil milhões de utilizadores mensais em 2023. Apesar de ser considerada por muitos como uma plataforma em declínio de popularidade entre os jovens, continua a ser amplamente usada – inclusive por organizações extremistas como o Estado Islâmico (ISIS) (Dean, 2023). Em 2015, no Iraque, era a rede social mais popular entre os jovens entre os 14 e os 35 anos, com uma penetração de 88% (Speckhard et al., 2018).

O ISIS tem explorado sistematicamente o Facebook para diversas finalidades, como o recrutamento, a disseminação de propaganda, e a coordenação de atividades terroristas. O processo de recrutamento começa muitas vezes com a identificação de utilizadores que demonstram interesse por conteúdos islamistas ou jihadistas. Depois de identificar essas pessoas, o grupo tenta aceder às suas informações pessoais para posteriormente estabelecer contacto e conduzir o aliciamento. A rede social também é usada para instruir futuros membros, incentivando-os a viajar para zonas de conflito, como a Síria e o Iraque (AlSarayreh, 2020).

Foram criadas inúmeras contas no Facebook relacionadas ao ISIS, tanto em árabe quanto em inglês, que partilhavam imagens e vídeos de jihadistas mascarados e armados, obtendo muitas vezes centenas de interações. Parte da estratégia de propaganda do grupo envolve vídeos tutoriais com treinos de defesa pessoal e manuseamento de armas, assim como instruções de hacking e encriptação. Os recrutas são frequentemente encaminhados

para salas de chat privadas, como as da darknet, onde recebem instruções adicionais (Hanim et al., 2017).

O Facebook também tem sido explorado pelo grupo para atingir grupos étnicos ou sociais específicos, como jovens afro-americanos nos EUA, considerados mais vulneráveis a narrativas de opressão e injustiça. Nesses casos, o grupo oferece promessas de estabilidade económica e de luta por uma causa justa (AlSarayrech, 2020). Apesar de muitos esforços por parte do Facebook, como a eliminação de 99% das contas relacionadas ao ISIS, ainda existe um 1% ativo que continua a representar uma ameaça significativa (Speckhard, A., & Ellenberg, M. 2020).

Finalmente, destaca-se o papel das mulheres na estratégia de recrutamento: muitas relatam a sua vida nas redes sociais de forma romantizada, criando grupos de conversa e incentivando outras a juntarem-se à causa. Para o ISIS, as mulheres são vistas como um recurso valioso e têm sido cada vez mais incluídas nas suas estruturas, inclusive através de casamentos com jihadistas (Spencer, 2016).

4.1.3 Twitter

Tal como outras redes sociais já referidas, o Twitter é uma das plataformas com maior número de utilizadores. Em 2023, registava cerca de 415 milhões de utilizadores (Statista, 2024). No entanto, mesmo nos anos de ascensão do ISIS, a plataforma já contava com uma base significativa: cerca de 271 milhões em 2014 e 304 milhões em 2015 (Twitter, 2023).

De acordo com a infografia "ISIS Has a Twitter Strategy and It Is Terrifying", publicada em 2015, 90% do conteúdo do ISIS nas redes sociais era partilhado no Twitter. Naquele ano, o grupo possuía cerca de 70.000 contas ativas globalmente, gerando aproximadamente 200.000 tweets por dia (Zaman, 2015). Grande parte dos tweets pró-ISIS provém da Arábia Saudita, Kuwait e outros países do Golfo. Através do Twitter, o grupo divulga detalhes precisos sobre suas operações, como números de bombardeios, missões suicidas e assassinatos. Em 2014, os hashtags mais utilizados na plataforma eram "#Baghdad_is_liberated" e "#Iraq_is_liberated"(Irshaid, 2014).

O ISIS utiliza o Twitter de maneira estratégica para promover a sua causa e expandir a sua influência global. Através da plataforma, o grupo cria vídeos promocionais

de alta qualidade e solicita apoio para a sua campanha “one billion campaign”. Uma das táticas eficazes que o grupo usa para atrair seguidores de diferentes religiões é pedir que partilhem mensagens, fotos e vídeos no Twitter, demonstrando apoio ao ISIS (Irshaid, 2014). Os vídeos muitas vezes apresentam combatentes falando em diferentes idiomas, com legendas em inglês, a fim de alcançar um público mais amplo. Além disso, combatentes do grupo partilham conteúdos pessoais, como vídeos e fotos, o que fortalece a coesão interna e motiva novos recrutas a criar canais de partilha semelhantes (Prucha & Fisher, 2013).

Para mobilizar ainda mais apoio, o ISIS iniciou, em 20 de junho de 2014, uma campanha global online. A campanha foi marcada pelo uso de um hashtag no Twitter, “#theFridaysupportingISIS”, pedindo aos apoiantes que agitam a bandeira do grupo em público e compartilhem esse ato nas redes sociais. Além disso, em abril de 2014, o ISIS lançou um aplicativo gratuito chamado “The Dawn of Glad Tidings”, que publica automaticamente tweets, com conteúdo aprovado pelos administradores de mídia do grupo. Esse aplicativo foi responsável pela publicação de cerca de 40.000 tweets em um único dia. Em resposta a essa crescente atividade online, o governo do Iraque proibiu o acesso a plataformas como Twitter e Facebook, mas os apoiantes do grupo reagiram, protestando contra essa medida (Irshaid, 2014).

Essas estratégias mostram como o ISIS soube aproveitar as redes sociais de forma eficaz para aumentar seu alcance e reforçar seu apoio global, utilizando campanhas coordenadas e ferramentas digitais.

Além das estratégias já mencionadas, alguns membros do ISIS utilizaram o Twitter para publicar imagens de decapitações e usando eventos populares para atrair atenção. Durante o Mundial de Futebol da FIFA de 2014, por exemplo, o grupo se aproveitou da popularidade do evento ao usar a hashtag #WorldCup acompanhada da mensagem: “This is our ball... it has skin on it”. Essas mensagens, escritas em inglês, tinham o objetivo de alcançar um público amplo, especialmente na Europa. Além das páginas oficiais, estima-se que o ISIS tenha criado mais de trinta grupos online, utilizando frases como “All Eyes on ISIS” e “We are all ISIS” para incentivar o engajamento e disseminação de sua ideologia (Awan, 2017, p142).

O ISIS tem utilizado as redes sociais como uma ferramenta para praticar o “political jamming”, uma estratégia que se difere do “culture jamming”. O “political jamming”

envolve a alteração deliberada de logótipos, fotos ou memes para subverter o seu significado original, com o objetivo de interromper o seu uso político ou comercial. Esta abordagem é especialmente atrativa para os jovens, devido à sua mensagem curta, visual e humorística. Aproveitando essa dinâmica, o ISIS tem criado diversos memes que são compartilhados no Twitter para transmitir as suas mensagens. Um exemplo notório foi a criação de um meme utilizando um discurso de Barack Obama de 2008, onde o ex-presidente disse "Yes we can!". O ISIS alterou essa frase para "Yes we can! Kill your children with drones" (Sim, nós podemos! Matar seus filhos com drones), com a intenção de retratar os EU como uma força imperialista que usa drones para atacar e matar crianças inocentes (Huey, 2015).

4.2 Propaganda nas Redes Sociais

De acordo com o Relatório de tendências e situação na UE—o EU TE-SAT 2023, fóruns online, plataformas de videogames descentralizadas e a dark web desempenham um papel crucial nos círculos terroristas e extremistas. Apoiadores da Al-Qaeda (AQ) e ao Estado Islâmico (EI) adotaram uma estratégia multiplataforma, recorrendo ao uso crescente de servidores autogerenciados e à dark web para escapar da moderação de conteúdo e garantir a preservação de materiais de propaganda após remoções. Jihadistas frequentemente exploram plataformas emergentes que não fazem moderação ou verificação de fatos, testando a sua eficácia na disseminação de conteúdo extremista. Reconhecendo a preferência do público jovem por informações rápidas e concisas, a media jihadista adaptou as suas mensagens, utilizando músicas, textos e vídeos compartilhados nas redes sociais. Alguns propagandistas, atuam como influenciadores digitais, visam intencionalmente os jovens, criando uma porta de entrada para a autorradicalização, à medida que os seus seguidores ingressam em grupos privados de conversas, onde reforçam as suas crenças extremistas. Menores e jovens adultos estão cada vez mais envolvidos na produção, edição e republicação de materiais de propaganda dos grupos terroristas (Europol, 2024, pp27,28)

Os meios de comunicação de apoio têm desempenhado um papel ativo na produção de propaganda, destacando-se, em particular, a alAzaim, que publica conteúdo original e reproduz material em 10 idiomas. Além disso, a alAzaim está presente nas principais redes sociais e em aplicativos de comunicação de ponta a ponta. Seu principal produto, a

"Voz do Khurasan", não se limita a disseminar propaganda do EI, mas também cumpre uma função de recrutamento. (Europol, 2024, p29)

Jovens recrutados ou expostos à propaganda violenta em plataformas de jogos e outros canais online populares têm se unido a extremistas violentos de direita na UE. Eles partilham uma linguagem e interesses geracionais comuns, frequentemente inspiram-se em figuras proeminentes de grupos extremistas violentos de direita fora da UE. Esses jovens extremistas de direita têm expandido as suas narrativas, indo além dos temas tradicionais da direita para incluir questões populistas, anti-globalização e anti-governo. Com alto potencial de mobilização, eles produzem o seu próprio material, recrutam novos seguidores e tomam ações para cometer atos de violência. Ao utilizar as funcionalidades das plataformas online, esses jovens aumentam tanto o seu alcance quanto a sua resistência à detecção e moderação de conteúdo (Europol, 2024, p39). A propaganda desempenha um papel essencial na manutenção e expansão do ISIS, funcionando como um poderoso instrumento de afirmação da sua hegemonia terrorista internacional. A abordagem agressiva, a proclamação do Califado e a capacidade de disseminação de mensagens revelaram que o êxito do ISIS não foi mero acaso, mas resultado de pensamento estratégico e ações cuidadosamente planejadas (Winter, 2017).

Do ponto de vista estratégico, a propaganda do ISIS é estruturada em torno de seis temas principais: brutalidade, misericórdia, vitimização, guerra, pertença e utopia. A brutalidade é representada por vídeos de execuções, servindo como demonstração da supremacia do grupo e como instrumento de intimidação. A misericórdia, frequentemente acompanhada com a brutalidade, apresenta imagens de combatentes ou civis arrependidos, reforçando a ideia de submissão ao grupo e à vontade divina. A vitimização remete à narrativa de uma “guerra global” contra o Islão, conferindo um caráter defensivo à atuação do ISIS. A guerra é utilizada para demonstrar a força militar do grupo — através de vídeos de campos de treino, armamentos e veículos — com o intuito de provocar medo e exaltar os seus combatentes. A pertença é promovida com imagens de confraternização entre combatentes, reforçando a ideia de união e irmandade no seio do Califado. Por fim, a utopia é vista como o tema central da propaganda: a promessa de uma sociedade ideal sob a liderança do ISIS (Winter, 2015). A contínua exibição do Califado nas mensagens do grupo visa não apenas atrair novos recrutas, mas também afirmar a sua legitimidade frente a adversários e simpatizantes sendo notório que o grupo tem usado as redes sociais

e os media para aumentar a sua publicidade e conseguir conquistar a atenção do público (Farwell, 2015).

5 Contribuição Empírica

A contribuição empírica deste projeto emerge da crescente urgência em compreender o fenómeno da radicalização de jovens online, uma preocupação que tem ganho destaque em notícias recentes e alertas de entidades como a Europol. Não é por acaso que a atenção mediática e institucional se volta para esta problemática. As recentes notícias em Portugal, como as da SIC Notícias (2025), alertam para o aumento preocupante da radicalização de jovens aliciados por grupos extremistas através de plataformas digitais. Nesse sentido, os Relatórios da InternetMatters. Org e do governo britânico indicam um uso crescente da Internet por esses grupos para recrutar jovens especialmente entre os 16 e os 24 anos. A Europol (2025) reforça este alerta, destacando o crescimento de redes que usam *streaming* e jogos *online* para aliciar menores vulneráveis (muitas vezes de minorias ou com problemas de saúde mental), infiltrando-se em comunidades de apoio. Táticas como o "love bombing" são usadas para manipular vítimas, levando-as a atos graves como a produção de conteúdo sexual ou violência.

No entanto, após uma análise da literatura existente, verificamos que, apesar dos avanços, a influência das redes sociais nos processos de radicalização e recrutamento de jovens é ainda insuficientemente conhecida. Este trabalho propõe-se a preencher essa lacuna, buscando precisamente identificar e detalhar os mecanismos pelos quais as plataformas digitais contribuem para a radicalização. Além disso, pretende-se identificar os fatores de vulnerabilidade que tornam determinados jovens mais suscetíveis a estas influências e a partir da experiência e do conhecimento de especialistas na área recolher indicações de prevenção e intervenção que possam ser úteis para informar estratégias mais eficazes de combate a este complexo desafio social.

5.1 Metodologia

O presente do projeto foi elaborado com o objetivo de compreender de que forma as redes sociais têm conduzido ao aumento da radicalização de jovens. Para o estudo deste fenómeno, propõe-se a realização de um estudo exploratório de tipo qualitativo.

5.2 Objetivo geral

O presente projeto tem como objetivo principal compreender de que forma as redes sociais têm conduzido ao aumento da radicalização de jovens.

5.3 Objetivos específicos

No âmbito dos objetivos específicos, pretende-se o seguinte: 1. Identificar os principais mecanismos de radicalização digital apontados por especialistas; 2. Analisar os fatores sociais, emocionais e psicológicos que tornam determinados jovens vulneráveis à radicalização online; 3. Identificar os principais tipos de conteúdo digital usados no processo de doutrinação online; 4. Recolher indicações sobre aspetos que possam ser relevantes ao nível da prevenção/intervenção.

5.4 Método

Em estudos qualitativos, a representatividade estatística não é o foco. Em vez disso, o valor da amostra reside na sua adequação aos objetivos da investigação, privilegiando a diversificação dos participantes e a inclusão de situações relevantes. Os indivíduos são selecionados pelo seu caráter exemplar, e não pela sua importância numérica na categoria que representam (Albarello, et al. 1995). Nesse sentido, dada a natureza complexa e multifacetada da radicalização de jovens online, o nosso projeto vai adotar essa perspetiva qualitativa.

5.5 Entrevistas semiestruturadas

Com o avanço das ciências sociais, o foco da investigação tem-se deslocado da mera observação de fatores externos para uma análise mais profunda da ação humana, explorando a perceção individual, intenções e crenças. Neste contexto, a entrevista tornou-se um instrumento essencial, valorizado pela compreensão rica e matizada que oferece sobre o ser humano (Albarello, et al. 1995). Por isso, a utilização deste método parece particularmente adequada para o estudo da radicalização de jovens online, sobretudo através de entrevistas semiestruturadas (Anexo A) a especialistas e psicólogos

ligados à área, que podem oferecer *insights* aprofundados sobre as motivações e vulnerabilidades dos indivíduos envolvidos.

Um guia de entrevista é um sumário flexível usado em entrevistas semidiretivas para explorar livremente o pensamento do entrevistado, mantendo o foco no objetivo do estudo. Para iniciar, o entrevistador deve deixar o entrevistado à vontade. A questão introdutória pode focar no tema central ou em aspetos da situação do entrevistado. No final, é crucial perguntar ao entrevistado se algo importante foi omitido, garantindo a abrangência da informação (Albarello et al., 1995). Para a realização das entrevistas, será utilizado um roteiro semiestruturado, elaborado com base nos objetivos da investigação e nos principais eixos temáticos previamente definidos. Este tipo de roteiro, conforme defendem Albarello et al. (1995), permite ao investigador garantir uma orientação mínima da entrevista, ao mesmo tempo que oferece flexibilidade para adaptar as questões em função das respostas do entrevistado, favorecendo uma abordagem mais aprofundada e compreensiva dos fenómenos estudados.

Foram elaboradas versões diferenciadas do roteiro, ajustadas às especificidades de cada área de atuação—nomeadamente profissionais das forças de segurança, profissionais de saúde mental e investigadores académicos. Embora os temas centrais se mantenham comuns (como os fatores de radicalização online, as vulnerabilidades associadas aos jovens e os mecanismos de prevenção), a formulação de perguntas foi adaptada à experiência e campo de especialização de cada grupo profissional (Anexo A).

Esta estratégia metodológica visa garantir a adequação das questões colocadas, bem como a profundidade e a relevância das respostas, assegurando uma recolha de dados mais rica, contextualizada e validada pela diversidade das perspetivas obtidas (Albarello et al., 1995).

5.6 Participantes

No âmbito deste estudo, os atores sociais que se consideram relevantes deverão ter envolvimento e experiência na área de intervenção da radicalização de jovens, como profissionais das forças de segurança que trabalhem com jovens radicalizados online, investigadores académicos que abordem as dinâmicas do fenómeno e, profissionais de saúde mental. A integração destes profissionais na amostra permitirá oferecer uma visão

completa sobre a radicalização online. A escolha de especialistas e psicólogos ligados à área como participantes visa precisamente recolher uma compreensão aprofundada das dinâmicas e vulnerabilidades envolvidas, garantindo que o seu conhecimento e experiência exemplares contribuem para uma análise rica e matizada do fenómeno.

5.7 Procedimentos

Para assegurar o cumprimento das normas de ética, o presente projeto será submetido à apreciação da Comissão de Ética da UFP (Anexo B), para avaliar a sua viabilidade. Após aprovação, a investigadora deverá proceder ao contacto da direção de cada um dos organismos ou instituições participantes do estudo, requerendo autorização para a realização do mesmo.

Uma vez obtidas as autorizações institucionais será dado início ao contacto dos potenciais participantes, via e-mail, para explicar brevemente os objetivos e o contexto em que se insere o estudo. Com aqueles que se mostrem disponíveis a participar será agendado um dia e hora, para a realização das entrevistas. Aquando da entrevista, a investigadora facultará a Declaração de Consentimento Informado (Anexo C) e fará um resumo dos objetivos da investigação, esclarecendo qualquer dúvida que possa existir. Para assegurar uma melhor qualidade na análise das respostas dadas, será feito, com prévia autorização do entrevistado, o registo integral da entrevista em suporte digital. No decorrer da entrevista, de forma a garantir um ambiente favorável à partilha de informação, numa primeira fase, será feita uma apresentação, passando de seguida para as questões centrais e, por fim, concluindo e deixando um agradecimento.

5.8 Limitações do estudo

Na fase de implementação deste projeto, antecipamos algumas limitações potenciais que poderiam moldar o alcance e a profundidade dos dados. Primeiramente, espera-se que possa ser um desafio aceder a especialistas e que estes se mostrem disponíveis a participar. A disponibilidade desses profissionais, aliada à natureza sensível da temática, poderia dificultar a obtenção de uma amostra suficientemente diversificada, impactando a amplitude das perspetivas recolhidas. Em segundo lugar, a própria sensibilidade do tema da radicalização online pode representar um obstáculo na obtenção

de informações aprofundadas. Apesar de todas as garantias de anonimato e confidencialidade, os entrevistados poderiam sentir-se inibidos em partilhar algumas experiências o que poderia influenciar a profundidade e abrangência dos dados.

6 Conclusão

Este projeto de graduação teve como propósito explorar a complexa dinâmica da radicalização de jovens online, um fenómeno crescente e com profundas implicações sociais. Pretendeu-se através da sua formulação, delinear um caminho para compreender como as redes sociais contribuem para o recrutamento e o aumento da radicalização, focando-se em objetivos como a identificação de estratégias extremistas, a análise dos fatores de vulnerabilidade e o estudo dos conteúdos digitais de doutrinação.

Para alcançar estes objetivos, propôs-se uma metodologia de cariz qualitativo, centrada na realização de entrevistas semiestruturadas a especialistas com reconhecida experiência na área. Esta abordagem foi considerada a mais adequada para obter uma compreensão rica e matizada das perceções, que sustentam o fenómeno, valorizando o conhecimento exemplar desses profissionais.

Espera-se que, caso venha a ser implementado, este estudo permita compreender em profundidade as formas de radicalização online e identificar os fatores de vulnerabilidade dos jovens. Antecipa-se, ainda, que os dados recolhidos revelem tendências sobre os laços que os jovens desenvolvem com ideologias extremistas e, de forma a contribuir para a formulação de estratégias mais ajustadas de prevenção, deteção precoce e intervenção junto de populações em risco. A partir da experiência e do conhecimento de especialistas na área recolher indicações de prevenção e intervenção que possam apoiar o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção mais eficazes, sensíveis às especificidades do contexto digital e às dinâmicas psicossociais que envolvem os jovens em risco.

A complexidade da radicalização de jovens no ambiente digital sublinha a urgência de investigações aprofundadas como a que aqui se propõe. A concretização deste estudo, ao desvendar as dinâmicas e os mecanismos de aliciamento, ofereceria um contributo valioso para a criação de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes, tanto no âmbito académico como no prático. Sugere-se, assim, que as bases aqui lançadas sirvam de ponto de partida para futuras pesquisas que possam, por exemplo, incluir a perspetiva direta dos jovens ou desenvolver abordagens mistas para uma compreensão ainda mais abrangente do fenómeno.

7 Referências Bibliográficas

- Aakster, E. v. d. (2020). ISIS, Radicalization and the Gendered Online Jihad. *E-International Relations*. <https://www.e-ir.info/2020/05/22/isis-radicalization-and-the-gendered-onlinejihad/>
- Actt Early. (n.d.). Online safety. <https://actearly.uk/radicalisation/online-safety/>
- Agência Lusa. (2025). *Europol alerta para o aumento de grupos dedicados a radicalizar menores*. <https://observador.pt/2025/02/20/europol-alerta-para-aumento-de-grupos-dedicados-a-radicalizar>
- Akram, M., Nasar, A., & Arshad-Ayaz, A. (2023). A systematic review for netizens' response to the truth manipulation on social media. *Knowledge Management & E-Learning*, 15(2), 322342. <https://doi.org/10.34105/j.kmel.2023.15.018>
- Alarid, M. (n.d.). Recruitment and radicalization: The role of social media and new technology. 313-329. <https://docslib.org/doc/10713678/recruitment-and-radicalization-the-role-of-socialmedia-and-new-technology-maeghin-alarid>
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Georges, P. (1995). *Pratiques et méthodes de recherche em sciences sociales*. (Luísa. Batista, Trad.). Gradiva. https://file:///C:/Users/radio/Downloads/Cap.s%20entrevistas_compressed.pdf
- Ali, M.-R. (2015). ISIS And Propaganda: How ISIS exploits women. *Reuters Institute for the Study of Journalism*, 1-22. <https://Isis%20and%20Propaganda%20How%20Isis%20Exploits%20Women.pdf>
- Almeida, N. (s.d). A influência das redes sociais e aplicações na vida dos jovens. Instituto de administração e saúde. [https://A influência das redes sociais e aplicações na vida dos jovens](https://A%20influência%20das%20redes%20sociais%20e%20aplicações%20na%20vida%20dos%20jovens)
- AlSarayreh, M. A. (2020). How Isis social media for recruitment. Minister of National Defense, 124. <https://www.cfc.forces.gc.ca/259/290/22/305/AlSarayreh.pdf>
- Ayanian, A. H., Böckler, N., Doosje, B., Zick, A. (2018). Processes of radicalization and polarization in the context of transnational islamist terrorist. *International Journal of Conflict and Violence*, 12, 1-6. <https://doi.org/10.4119/UNIBI/ijcv.648>
- Awan, A. N. (2007). Virtual jihadist media: Function, legitimacy and radicalizing efficacy. *European Journal of Cultural Studies*, 10(3), 389-408. <https://doi.org/10.1177/1367549407079713>
- Awan, I. (2017). Cyber-extremism: Isis and the power of social media. *Social Science And Public Policy*, 54, 138-149. <https://doi.10.1007/s12115-017-0114-0>
- Awan, I. (2017). Cyber-extremism: Isis and power of social media. *Social Science and Public Policy*, 54, 138-149. <https://doi.org/10.1007/s12115-017-0114-0>
- BBC. (2019, Agosto 19). Como o extremismo online tem alarmado pais de adolescentes nos EUA. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/19/como-o-extremismo-online-tem-alaromadopais-de-adolescentes-nos-eua.ghtml>

- Borum, R. (2003). Understanding the terrorist mindset. *Mental Health Law & Policy Faculty*, 72(7), 7-10. https://digitalcommons.usf.edu/mhlp_facpub/228
- Borum, R. (2011). Radicalization into violent extremism II: A review of conceptual models and empirical research. *Journal of Strategic Security*, 4(4), 37-62. <http://dx.doi.org/10.5038/19440472.4.4.2>
- Burgo, H. (2021, abril 27). Em 2020 houve 11 casos de radicalização entre adolescentes no Luxemburgo. *Mediahuis Luxembourg S.A.* <https://www.contacto.lu/sociedade/em-2020houve-11-casos-de-radicalizac-o-entre-adolescentes-no-luxemburgo/471328.html>
- Chaves, M. H. G. (2023). O papel das redes sociais na amplificação de discursos e comportamentos antidemocráticos. *Revista Jus Navigandi*. <https://jus.com.br/artigos/105288/o-papel-dasredes-sociais-na-amplificação-de-discursos-e-comportamentos-antidemocráticos>
- Cooper, H. H. A. (2001). Terrorism: The problem of definition revisited. *American Behavioral Scientist*, 44(6), 881-893. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/00027640121956575>
- Counter Extremism Project. (2025). *CEP report: YouTube's ongoing failure to remove ISIS content*. Counter Extremism Project. <https://www.counterextremism.com/press/cep-reportyoutube%E2%80%99s-ongoing-failure-remove-isis-content>
- Coutinho, C., & Fernandes, D. (2025, 25 de março). *Crianças e jovens em Portugal aliciados online para disseminar conteúdos extremistas*. SIC Notícias. <https://sicnoticias.pt/pais/202503-25-video-criancas-e-jovens-em-portugal-aliciados-online-para-disseminar-conteudosextrémistas-ecd76e22>
- Crone, M. (2016). Radicalization revisited: violence, politics and the skills of the body. *International Affairs*, 92(3), 587-604. <https://Radicalization revisited: violence, politics and the skills of the body. – EBSCO>
- Doosje, B., Moghaddam, F. M., Kruglanski, A. W., Wolf, A., Mann, L. & Feddes, A. (2016). Terrorism, radicalization and de-radicalization. *Current Opinion in Psychology*, 11, 79-84. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.06.008>
- European Commission. (2025, janeiro 27). *Prevention of radicalization*. Europa Eu. https://homeaffairs.ec.europa.eu/policies/internal-security/counter-terrorism-and-radicalisation/prevention-radicalisation_en
- European Commission. (2022). *Prevention of Radicalisation*. https://homeaffairs.ec.europa.eu/policies/internal-security/counter-terrorism-andradicalisation/prevention-radicalisation_
- Europol. (2024). *European union terrorism situation and trend report 2024 (EU TE-SAT)*. <https://www.europol.europa.eu/cms/sites/default/files/documents/TE-SAT%202024.pdf>
- Farwell, J.P. (2015). The media strategy of ISIS. *Survival*, 56(6), 49-55. <https://doi.org/10.1080/00396338.2014.985436>
- Fialho, L. M. F., & Sousa, F. G. A. (2019). Juventudes e redes sociais: Interações e orientações educacionais. *Revista Exitus*, 9(1). <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n1id721>

- Fidalgo, J. M. P. (2018). O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens. Universidade de Medicina Lisboa.
<https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/42224/1/JessicaPFidalgo.pdf>
- Hanim, N., Ruzaini, S., Aris, S., Hanis, F., & Razak, F. H.A. (2017). The use of facebook in ISIS recruitment-an study. *Journal of Media and Information Warfare*, 10, 51-77.
https://www.researchgate.net/publication/326451117_The_Use_of_Facebook_in_ISIS_Recruitment_An_Exploratory_Study
- Hedges, P. (2017). Radicalization: Examining a concept its use and abuse. *Counter Terrorist Trends and Analyses*, 9(10), 12-18. <https://www.jstor.org/stable/26351560>
- Hopf, T. (1998). The promise of constructivism in international relations theory. *International Security*, 23(1), 171–200. <https://doi.org/10.2307/2539267>
- Huey, L. (2015). This Is Not Your Mother’s Terrorism: Social Media, Online Radicalization and the Practice of Political Jamming. *Journal of Terrorism Research*, 6(2), 1–16.
https://www.researchgate.net/publication/281275705_This_is_Not_Your_Mother’s_Terrorism_Social_Media_Online_Radicalization_and_the_Practice_of_Political_Jamming
- INEE. (2024). INEE Minimum Standards for Education: Preparedness, Response, Recovery.
- Internacional Association of Chiefs of Police. (2014). Online radicalization to violent extremism. Awareness Brief. <https://www.theiacp.org/sites/default/files/2018-07/RadicalizationtoViolentExtremismAwarenessBrief.pdf>
- Irshaid, F. (2014, junho 19). How Isis is spreading its message online. BBC News.
<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-27912569>
- Jenkins, M. B. (1980). The study of terrorism: Definitional problems. Rand corp santa monica CA.
- Klausen, J., Barbieri, E., Reichlin-Melnick, A., & Zelin, A. Y. (2012). The youTube jihadists: A social network analysis of al-Muhajiroun’s propaganda campaign. *Perspectives on terrorism*, 6(1), 36-51. <https://www.jstor.org/stable/26298554?seq=1>
- Laqueur, W. (2002). A history of terrorism (1ªed.). Routledge.
- Lopes, J. A. (2024, maio 23). Os jovens ao serviço do extremismo: do “terrorista 007” à extremadireita. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/05/23/piniao/opiniao/jovens-servicoextremismo-terrorista-007-extremadireita-2091615>
- Lygre, R. b., (2011). Terrorismo as a process: A critical review of Moghaddam’s ‘Staircase to terrorism’. *Scandinavian Journal of Psychology*, 52(6), 609-616.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2011.00918.x>
- Machado, D. (n.d.). O construtivismo na teoria das relações internacionais. Orbis.
<https://orbisirsa.pt/o-construtivismo-na-teoria-das-relacoes-internacionais/>
- McCauley, C., & Moskaleiko, S. (2008). Mechanisms of political radicalization: pathways toward terrorism. *Terrorism and PoliticalViolence*, 20, 415-433.DOI: 10.1080/09546550802073367

- Mendes, P. E. (2019). As teorias principais das relações internacionais: uma avaliação do progresso da disciplina. *Relações Internacionais*, 61, 95-122. <https://doi.org/10.23906/ri2D19.61a08>
- Mengshu, Z. (2020). A construção social da realidade internacional segundo Alexander Wendt: uma análise construtivista das relações internacionais. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 63(2), e010. <https://doi.org/10.1590/0034-7329202000202>
- Mitts, T. (2017). From Isolation to Radicalization: Anti-Muslim Hostility and Support for ISIS in the West. *American Science Review*, 113(1), 173-194. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2795660
- Mughal, S. (2016, 28 de abril). Apoiando os pais a manter as crianças seguras online: Radicalização dos jovens através das mídias sociais. Internet Matters. <https://www.internetmatters.org/pt/about-us/>
- Observador. (2025, 20 de fevereiro). *Europol alerta para aumento de grupos dedicados a radicalizar menores*. Observador. <https://observador.pt/2025/02/20/europol-alerta-para-aumento-de-grupos-dedicados-a-radicalizar-menores/>
- Omar, N. & Yusof, D. (2025). Pathways of individual radicalisation: The profiles of Malaysian Muslim violent extremism (Ve) detainees and ex-detainees 2013-2020. *Intellectual Discourse*, 33(1), 299-323. <https://doi.org/10.31436/id.v33i1.2139>
- ONU. (2018). *Unesco faz pesquisa sobre papel das redes sociais na radicalização de jovens*. <https://news.un.org/pt/story/2018/01/1605602>
- Peresin, A. (2015). Fatal Attraction: Western Muslims and ISIS. *Perspectives on Terrorism*, 9(3), 21-38. <https://www.jstor.org/stable/26297379>
- Prucha, N. & Fisher, A. (2013). The renewed threat of terrorism to Turkey. *CTC Sentinel*, 6(6) 19. <https://ctc.westpoint.edu/wp-content/uploads/2013/06/CTCSentinel-Vol6Iss64.pdf>
- Sageman, M. (2005). Understanding Jihadi Networks. *Strategic Insights*, 6(4). <https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/11395/sagemanApr05.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Salgueiro, J. T. M. G. (2024). O papel das redes sociais no processo de radicalização política. Dissertação de mestrado. ISPA. [https://file:///C:/Users/radio/Downloads/content%20\(13\).pdf\(ver dissertações\)](https://file:///C:/Users/radio/Downloads/content%20(13).pdf(ver%20disserta%C3%A7%C3%B5es))
- Schmid, A. P. (2002). Terrorism -The definitional problem. *Case western reserve journal of international law Spring2004*, 36, 103-147.
- Schmid, A. P. (2004). Frameworks for conceptualising terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 16(2), 197-221. <https://doi.org/10.1080/09546550483134>
- Schmid, A. P. (2011). The definition of terrorism. In A. P. Schmid (Ed.), *The Routledge handbook of terrorism research* (pp. 39-157). Routledge. https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=_PXpFxKRSHgC&oi=fnd&pg=PR11&dq=The+Routledge+Handbook+of+Terrorism+Research+&ots=mGb3MMkiTg&sig=

5qTCsbamiwnAh8NSIxiYQKv0SpM&redir_esc=y#v=onepage&q=The%20Routledge%20Handbook%20of%20Terrorism%20Research&f=false

- Sedgwick, M. (2010). The concept of radicalization as a source of confusion. *Terrorism and political violence*, 22(4), 479-494.
- Silke, A. (2008). Holy Warriors: Exploring the Psychological Processes of Jihadi Radicalization. *European Journal of Criminology*, 5(99). https://www.researchgate.net/publication/238721660_Holy_Warriors_Exploring_the_Psychological_Processes_of_Jihadi_Radicalization
- Sitoe, R. (2022). Extremismo, radicalismo e radicalização uma distinção necessária no debate sobre o terrorismo. *Instituto Superior de Relações Internacionais*, 24(2), 3-19. <https://doi.org/10.17058/agora.v24i2.17679>
- Speckhard, A., & Ellenberg, M. (2020). Breaking the ISIS Brand Counter Narrative Facebook Campaigns in Europe. *Journal of Strategic Security*, 13(3), 120–148. <https://doi.org/10.5038/1944-0472.13.3.1844>
- Speckhard, A., Shajkovci, A. & Bodo, L. (2018). Fighting ISIS on facebook—Breaking the ISIS counter-narratives project. *ICSVE Research Reports*. <http://www.icsve.org/research-reports/fighting-isis-on-narratives-project/>
- Spencer, A. N. (2016). The hidden face of terrorism: An analysis of the women in Islamic State. *Journal of Strategic Security*, 9(3), 74-98. <https://www.jstor.org/stable/26473339>
- Teruel, A. (2016, Janeiro 3). Atos de islamofobia triplicam na França em 2015. *Internacional | EL PAÍS Espanha*. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/internacional/1451510403_463522.html#
- Twitter. (2023, novembro 1). Twitter/X users count over the years. X.com. https://twitter.com/stats_feed/status/1719774296946385149
- United Nations Security Council. (2004). *Resolution 1566 (2004): Threats to international peace and security caused by terrorist acts*. [https://undocs.org/S/RES/1566\(2004\)](https://undocs.org/S/RES/1566(2004))
- U.S.Department of justice.(2014). Fy 2014 agency financial report. Office of the Attorney General. [https://www.justice.gov/sites/Agency Financial Reports](https://www.justice.gov/sites/Agency%20Financial%20Reports)
- National Institute of Justice. (2017). *How radicalization to terrorism occurs in the United States: What research sponsored by the National Institute of Justice tell us*. U.S. Department of Justice. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/nij/250171.pdf>
- UNODC. (2018). *Counter-Terrorism Module 5 Key Issues: European Region*. <https://www.unodc.org/e4j/en/terrorism/module-5/key-issues/european-region.html>.
- Wiktorowicz, Q. (2005). A Genealogy of Radical Islam. *Studies in Conflict & Terrorism*, 28, 7597.129-150. <https://doi.org/10.1080/10576100590905057>
- Winter, C. (2015). The Virtual 'Caliphate': Understanding Islamic State's Propaganda Strategy. Quilliam. <https://core.ac.uk/download/pdf/30671634.pdf>

- Winter, C. (2017). Media Jihad: The Islamic State's Doctrine for Information Warfare. Institute for Strategic Dialogue. <https://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/ICSR-Report-MediaJihadThe-Islamic-State%E2%80%99s-Doctrine-for-Information-Warfare.pdf>
- Wojtowicz, A. (2012). Islamic Radicalization in the uk: Index of radicalization. *International Institute for Counter-Terrorism*, 43-70. <https://www.ict.org.il/UserFiles/Islamic%20Radicalization%20in%20UK.pdf>
- Zaman, K. (2015, novembro 20). ISIS Has a Twitter Strategy and It Is Terrifying. Medium. <https://medium.com/fifth-tribe-stories/isis-has-a-twitter-strategy-and-it-is-terrifying-7cc059ccf51b#.pa7nb5czh>

Anexos

Anexo A (guiões de entrevistas)

Guião de entrevista profissionais das forças de segurança

Experiência Profissional e Contexto da Radicalização Online	<ol style="list-style-type: none">1. Entender a profundidade da experiência prática do entrevistado.2. Ajuda a discernir entre conhecimento teórico e vivência prática.3. Recolha da perceção do profissional sobre a tendência do problema.<ol style="list-style-type: none">3.1. Indicar se o fenómeno é crescente e a urgência da situação na sua área de atuação.	<ol style="list-style-type: none">1. Qual é a sua formação e experiência profissional nesta área?2. Tem trabalhado diretamente com casos ou investigações relacionadas com a radicalização de jovens?3. Tem observado um aumento de casos que envolvam jovens radicalizados online?
Mecanismos e Fatores de Vulnerabilidade Online	<ol style="list-style-type: none">1. Descrição do processo de radicalização online.<ol style="list-style-type: none">1.1. Pretende insights sobre as fases, os gatilhos e a dinâmica da “lavagem cerebral” ou convencimento que ocorre online.2. Identificar os formatos e temas de conteúdo que são mais eficazes para influenciar jovens.3. Identificar vulnerabilidades psicológicas e sociais específicas que são exploradas no ambiente online.4. Procura de perfis demográficos e psicossociais de jovens de risco.<ol style="list-style-type: none">4.1. Identificar as plataformas e redes sociais específicas mais utilizadas pelos grupos radicais.5. Compreender as especificidades de cada plataforma.	<ol style="list-style-type: none">1. Na sua opinião, como ocorre o processo de radicalização de jovens nas redes sociais?2. Que tipo de conteúdo nas redes sociais tem maior influência neste processo?3. Quais são os fatores que tornam os jovens mais vulneráveis à influência de discursos extremistas online?4. Existem características pessoais ou sociais comuns (idade, género, origem, motivação) entre os jovens que se radicalizam online?5. Há diferenças perceptíveis entre plataformas (YouTube, Instagram, Telegram, etc.)?6. De que forma os conteúdos online (ex: vídeos, fóruns, mensagens privadas) influenciam o processo de radicalização?7. Que papel acredita que os algoritmos desempenham?

	<p>6. Identificar os mecanismos de influência dos diferentes formatos de conteúdo.</p> <p>7. Compreender a perceção sobre a influência dos algoritmos de recomendação e personalização na criação de câmaras de eco, na exposição a conteúdo extremista e na aceleração do processo de radicalização.</p>	
Prevenção, Intervenção e Boas Práticas	<p>1. Procura de sinais comportamentais ou de comunicação específicos no ambiente online.</p> <p>2. Apresentar as ações e estratégias já implementadas.</p> <p>3. Destacar o papel crucial das diferentes partes na deteção de sinais.</p> <p>3.1. Obter <i>insights</i> sobre a necessidade de formação, sensibilização e canais de comunicação para pais, educadores e outros profissionais.</p> <p>4. Identificar as melhores práticas e abordagens preventivas.</p> <p>5. Recolher exemplos concretos de sucesso.</p> <p>6. Procura de visões e soluções inovadoras para o futuro.</p>	<p>1. É possível identificar sinais de radicalização precoce em jovens pelas redes? Quais?</p> <p>2. O que tem sido feito, na sua área, para prevenir ou conter a radicalização digital?</p> <p>3. Que papel podem desempenhar a família, escola ou profissionais na identificação precoce?</p> <p>4. Que estratégias preventivas considera mais eficazes para combater a radicalização online de jovens?</p> <p>5. Existem projetos, programas ou iniciativas que conheça (em Portugal ou internacionalmente) com bons resultados nesta área?</p> <p>6. Que caminhos acredita serem promissores para lidar com este problema de futuro?</p>
Contribuição Adicional	<p>1. Abrir espaço para o profissional partilhe perspetivas adicionais que possam ser importantes para a compreensão do fenómeno</p>	<p>1. Gostaria de acrescentar mais alguma informação ou reflexão que considere relevante para este estudo?</p>

Guião de entrevista para psicólogos/profissionais de saúde mental

<p>Experiência e Fatores Psicológicos Individuais</p>	<p>1. Avaliar a experiência prática neste campo específico, a familiaridade com os desafios e as nuances do trabalho direto com jovens em risco.</p> <p>2. Identificar as teorias e modelos psicológicos considerados explicativos da vulnerabilidade.</p> <p>2.1. Procurar ligações específicas entre traços de personalidade, experiências adversas e estados emocionais com a atração por ideologias extremistas.</p>	<p>1. Qual a sua formação e experiência profissional nesta área?</p> <p>2. Na sua opinião, quais são os principais fatores psicológicos que explicam a vulnerabilidade dos jovens à radicalização?</p> <p>3. De que forma as características de personalidade, vivências traumáticas ou condições emocionais influenciam a adesão a narrativas extremistas?</p>
<p>Influências do Contexto Social e Digital</p>	<p>1. Compreender o impacto de fatores de foro familiar.</p> <p>1.1. Identificar ambientes que podem catalisar ou, inversamente, proteger contra a radicalização.</p> <p>2. Procurar <i>insights</i> sobre algoritmos de recomendação, câmaras de eco, acesso facilitado a narrativas extremistas.</p> <p>2.1. Procura <i>insights</i> sobre a criação de um sentido de comunidade online</p>	<p>1. De que forma o ambiente familiar e social influencia esse processo?</p> <p>2. As redes sociais e o ambiente digital intensificam essas vulnerabilidades?</p>
<p>Identificação precoce e Estratégias de prevenção</p>	<p>1. Identificar sinais comportamentais, emocionais e cognitivos que podem indicar uma vulnerabilidade crescente à radicalização.</p> <p>2. Conhecer metodologias de intervenção validadas ou promissoras.</p> <p>2.1. Identificar abordagens que promovem, a resiliência e a reavaliação de crenças.</p>	<p>1. Poderá indicar a existência de indicadores psicológicos precoces passíveis de identificação e posterior acompanhamento?</p> <p>2. Quais são as estratégias de intervenção psicológica que considera mais eficazes nestes casos?</p>

<p style="text-align: center;">Colaboração Interprofissional e Formação</p>	<p>1. Avaliar a percepção do entrevistado sobre a eficácia e a existência de sinergias entre diferentes áreas que lidam com o fenômeno da radicalização.</p> <p>1.1. Revelar lacunas e boas práticas na articulação entres estes setores.</p> <p>2. Delinear programas de formação que abordem os fatores de risco, os indicadores precoces e as estratégias de encaminhamento</p>	<p>1. Considera que há colaboração suficiente entre psicólogos e instituições de segurança ou educação neste campo?</p> <p>2. Que tipo de formação ou sensibilização seria útil a outros profissionais para melhorar a atuação nestes casos?</p>
---	--	--

Guião de entrevista para investigadores académicos

<p>Identificação e caracterização da vulnerabilidade</p>	<p>1. Avaliar a experiência direta, mesmo que não seja um trabalho de intervenção.</p> <p>1.1. Indica a sua familiaridade com manifestações de radicalização no terreno ou em contextos de estudo.</p> <p>2. Caracterização de perfis de vulnerabilidade.</p> <p>3. Visão do investigador sobre o impacto do ambiente digital na radicalização.</p> <p>4. Identificar indicadores precoces observáveis</p>	<p>1. Já se deparou com jovens com comportamentos ou discursos associados a ideologias extremistas?</p> <p>2. Como caracteriza os jovens mais suscetíveis a este tipo de influência?</p> <p>3. Que papel acredita que a Internet e as redes sociais desempenham neste processo?</p> <p>4. Existem sinais comportamentais que professores ou técnicos devem estar atentos?</p>
<p>Apoio institucional e Colaboração intersectorial</p>	<p>1. Avaliar o envolvimento do investigador em iniciativas de formação e sensibilização.</p> <p>2. Perceção do investigador sobre a adequação de recursos e políticas.</p> <p>3. Recolher sugestões de metodologias e programas educativos eficazes para a prevenção.</p> <p>4. Entender se há uma abordagem integrada para lidar com a radicalização ou se as intervenções são fragmentadas</p>	<p>1. Já participou em ações de sensibilização ou formação sobre este tema?</p> <p>2. Sente que há apoio institucional para lidar com jovens em risco de radicalização?</p> <p>3. Que tipo de atividades educativas ou de grupos considera úteis na prevenção deste fenómeno?</p> <p>4. A escola tem mecanismos de articulação com outras entidades (ex: forças de segurança, saúde, família)?</p>
<p>Propostas para melhoria e perspetivas futuras</p>	<p>1. Recolher recomendações e estratégias concretas baseadas na experiência e conhecimento</p>	<p>1. Que propostas faria para melhorar a prevenção da radicalização no contexto educativo ou social?</p>

Anexo B (Modelo de pedido de apreciação da Comissão de Ética da UFP)

Exmo. Senhor Professor

Doutor Pedro Reis

Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa

Assunto: Submissão de proposta de investigação

Eu, Melissa Gisela Santos Rocha, aluna da Licenciatura em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio submeter a minha proposta de investigação para que possa ser apreciada e averiguar a necessidade de esta ser objeto de avaliação pela Comissão de Ética desta Universidade.

O presente projeto, intitulado “A Radicalização Digital de Jovens: Análise dos Mecanismos de Influência e Vulnerabilidades Online” tem como objetivo geral compreender de que forma as redes sociais têm conduzido ao aumento da radicalização de jovens.

Para tal, serão conduzidas entrevistas semiestruturadas a membros de forças de segurança que trabalham no combate à radicalização de jovens online, nomeadamente, SIS, a PJ; investigadores universitários que abordam as dinâmicas do fenómeno e a profissionais de saúde mental.

Sem mais de momento, aguardo deferimento.

Atentamente,

Porto, 27 de Junho de 2025

A aluna,

Anexo C (Termo de consentimento)

Termo de Consentimento

Informado, Esclarecido e Livre para participação em Projeto de Graduação
Declaro , por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado, formalmente a participar no projeto intitulado “A Radicalização Digital de Jovens: Análise dos Mecanismos de Influência e Vulnerabilidades Online” desenvolvido por Melissa Rocha que poderei contactar através do e-mail 19960@ufp.edu.pt.

Fui informado que este projeto é orientado pela Professora Doutora Lígia Afonso, que poderei contactar através do e-mail ligiaa@ufp.edu.pt.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente académicos do projeto.

A presente colaboração será de forma anónima, garantindo confidencialidade ao participante por meio de uma entrevista semiestruturada. O acesso e análise de dados recolhidos serão apenas para efeitos académicos. A entrevista será gravada ao nível do som (com autorização), o áudio servirá apenas para efeitos de transcrição da entrevista sendo destruído após a mesma.

Declaro ter lido e compreendido este documento. Desta forma, aceito participar nesta investigação e permito a utilização dos dados de forma voluntária com as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas.

Assinatura: _____ Data: ___ / ___ / ___